

Paulo Lameiro

Seminário “Da Tradição à Experimentação” – 1º Painel – “Que futuro para a cultura popular?”

Fliscornes sem foguetes, ou, do Coreto ao Auditório: algumas reflexões sobre as Bandas Filarmónicas em Portugal (Resumo)

As bandas filarmónicas desempenham na cultura e identidade musicais portuguesas um papel de particular significado. O que é uma banda filarmónica? Quem a constitui? Como se organiza? Com base em inquéritos realizados durante 4 anos a filarmónicos de todo o território português, continente e ilhas, iremos procurar saber quem são os filarmónicos portugueses, quais as suas motivações e interesses nesta instituição.

Porque o ensino musical no sistema educativo português se resume a uma única disciplina em dois anos de escolaridade, 5.º e 6.º do ensino básico, as bandas filarmónicas têm vindo a desempenhar um papel singular na formação musical de toda a população portuguesa. Se por um lado a sua identidade original se centra nas práticas musicais, em especial no último quartel do século XX o ensino ganhou espaço à prática e é hoje o elemento condutor (e perturbador?!) destas instituições centenárias.

Como foram afectadas as bandas filarmónicas com a reforma do ensino artístico da década de 80 do século XX, e com a proliferação de escolas de música com paralelismo pedagógico, os chamados conservatórios? Como se articulam as dimensões amadoras e profissionais nestas instituições? Que mercados de trabalho se colocam aos agentes musicais das filarmónicas, instrumentistas, maestros e compositores?

Tradicionalmente associadas à música ao ar livre, em que o *coreto* se transformou em território paradigmático, e a *feira tradicional religiosa* o principal “mercado de trabalho”, como se processa nas filarmónicas a transição para o auditório como território ambicionado, e os concertos em festivais e concursos como actividades privilegiadas?

Que tendências se esboçam no actual panorama filarmónico português? Que leituras fazer do crescendo de discussão em fóruns e sites filarmónicos na Internet? Qual o papel do Estado neste fenómeno, com especial destaque para o INATEL e para as recém criadas Federações das Bandas Filarmónicas?

Esquecidas pelos estudos de Antropologia porque se afastam dos paradigmas de uma autêntica cultura tradicional (as filarmónicas são historicamente vistas como “bandas militares” em versão amadora) e ignoradas pelos sociólogos porque teimam em se desconhecer os números de recursos humanos e financeiros envolvidos neste movimento associativo (nenhuma instituição em Portugal consegue dizer quantas bandas existem no país, e escapa a qualquer contabilidade organizada o elevadíssimo orçamento anual que movimenta o movimento filarmónico) as bandas filarmónicas são hoje uma pedra angular na identidade cultural portuguesa, e espaço único de sociabilização em todo o país, como nenhum outro movimento associativo, cultural ou desportivo.